

OPERAÇÕES DE RETEXTUALIZAÇÃO NO GÊNERO EXPOSIÇÃO ORAL ACADÊMICA

Ana Virgínia Lima da SILVA¹

Resumo: Neste artigo discutimos as operações de retextualização de textos escritos para *slides* eletrônicos que são utilizados para orientar exposições orais, bem como as operações de retextualização de textos escritos para exposições orais acadêmicas produzidas por estudantes de graduação. Nosso objetivo é analisar as relações entre a compreensão de textos escritos e a qualidade das exposições orais. As teorias de Marcuschi (2001) e Dolz et al. fornecem apoio à análise. Os resultados demonstram a importância da compreensão e o valor dos *slides* para a efetiva produção de exposições orais acadêmicas.

Palavras-chave: Retextualização. Exposição oral. Compreensão.

Introdução

Os gêneros que circulam na esfera acadêmica são, em geral, produzidos com base em um ou mais textos disponibilizados aos alunos em situações de ensino-aprendizagem. Esses gêneros servem como instrumentos para a construção de saberes e para a formação profissional a partir da interação entre alunos e professores. Exige-se dos estudantes de graduação a capacidade de produzir gêneros a partir de um ou mais textos de origem, sem prejudicar o sentido desses textos, ou seja, a capacidade de *retextualizar*.

Segundo Marcuschi (2001) e Dell'Isola (2007), retextualizar é transformar um texto em outro do mesmo gênero ou de gênero distinto, mantendo a base informacional do texto de origem. A retextualização é uma atividade cotidiana que pode ocorrer entre textos escritos, entre textos orais, de textos escritos para textos orais e de textos orais para textos escritos, acrescentam os autores.

Dentre os gêneros presentes na esfera acadêmica, a exposição oral (doravante, EO) ocorrida em sala de aula e apresentada por alunos resulta da retextualização: 1) frequentemente, de textos teóricos, produzidos por estudiosos e especialistas; 2) de textos de apoio (roteiros, esquemas, resumos, etc., que podem ser expostos em *handouts*, *slides* eletrônicos e/ou imagens. A produção de EO acadêmica exige habilidades de leitura e escrita,

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: anavirginials@gmail.com

pois os estudantes são desafiados a compreender textos para embasar sua apresentação e, como lembram Dolz et al. (2004), eles precisam elaborar textos escritos para orientar sua exposição.

Nesse sentido, a análise de EOs acadêmicas e dos processos de retextualização que elas envolvem é de suma importância, pois propicia o entendimento desses processos e reflexões que podem contribuir para o ensino e o desenvolvimento da capacidade de elaborar o gênero em questão. Neste artigo pretendemos discutir a relação entre a compreensão de textos-base e os processos de retextualização desses textos em EO. A partir da discussão, apresentamos indícios de que exposições orais eficazes podem depender tanto da qualidade da leitura quanto do desempenho do estudante na produção verbal (escrita e oral) para a divulgação de trabalhos acadêmicos.

Dado o espaço destinado a este artigo, explicitamos a análise de uma EO de uma estudante de Letras. A exposição analisada é representativa de um *corpus* de 33 EO coletadas durante uma pesquisa de doutorado sobre esse gênero. As exposições que compõem o referido *corpus* foram elaboradas por estudantes que cursavam entre o 3º e 9º período da graduação em Ciências Atuariais, Ciências Sociais, Economia ou Letras. Elas foram gravadas em vídeo e, posteriormente, transcritas conforme as normas do Projeto NURC.²

Com base em Dolz *et. al* (2004), apresentamos a seguir as principais características da EO. Em seguida, explicitamos contribuições de Marcuschi (2001) para o tema da retextualização. Analisamos os processos de retextualização do texto-base para *slides*; e depois analisamos a retextualização do texto-base para a EO, considerando os *slides* como recursos preparados para dar suporte às exposições

A exposição oral na esfera acadêmica

Para Dolz et al. (2004a) a EO é um gênero do formal, em que os estudantes se dirigem a um público de modo estruturado, transmitindo-lhe informações, descrevendo ou explicando o tema da sua apresentação. Podemos assim afirmar que os estudantes buscam persuadir o público sobre o que expõem ou, ao menos, convencer o professor da leitura do(s) texto(s)-base da apresentação.

² As normas para transcrição podem ser visualizadas em:
<http://www.filch.usp.br/dlev/nurc/normas_para_transcricao.htm>. Acesso em 02 dez. 2011.

Dolz et al. acrescentam que na EO há, de um lado, o expositor que se dirige a um grupo de destinatários veiculando informações referentes a um determinado tema de interesse comum e, de outro, os destinatários que buscam aprender algo com a EO. Para tanto, o expositor pesquisa sobre o tema a ser apresentado, o que o configura como um especialista em comparação aos destinatários, com quem ele mantém uma relação assimétrica. Tal relação é amenizada pelo expositor quando ele considera os conhecimentos do público, suas expectativas e interesse.

Entre as características linguísticas do gênero, notam-se o emprego de marcadores de estruturação do discurso (*portanto, sobretudo, etc.*), de organizadores temporais (*então, no momento, etc.*) e dos tempos verbais. O expositor articula as partes temáticas, sinaliza as ideias principais das secundárias, explica descrições. É comum o uso de exemplos, paráfrases e reformulações com o objetivo de reafirmar ou esclarecer o que é dito (DOLZ et al., 2004).

Quanto à estrutura, a EO se organiza da seguinte forma, de acordo com Dolz et al. (2004):

1) *Abertura*, em que o expositor se anuncia como tal e introduz algumas considerações iniciais sobre o que será apresentado; explicita o tema; apresenta os objetivos e ideias que guiam a exposição;

2) *Desenvolvimento do assunto*, em que o expositor explicita informações, posicionamentos, discussões e, porventura, instiga o público a refletir sobre pontos do tema tratado; recapitulação e síntese do que foi apresentado;

3) *Conclusão*, a qual pode confirmar ou não inferências geradas pelos participantes durante a apresentação do texto;

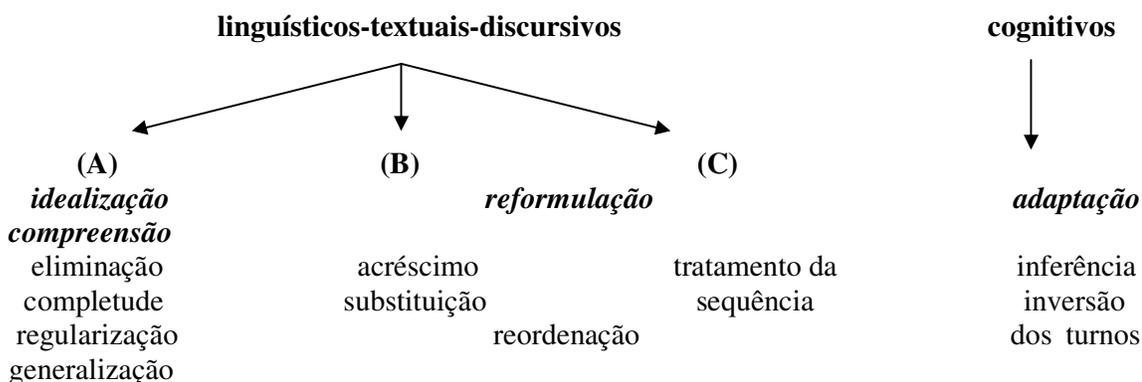
4) *Encerramento*, momento em que o expositor pode agradecer, declarar explicitamente que a exposição terminou e/ou perguntar aos destinatários se eles têm alguma pergunta, comentário, sugestão, etc.

A EO, acrescentam Dolz et al. (2004), é um meio de ação social que revela costumes e convenções da esfera em que é produzida. Ela é ancorada por textos escritos que são lidos, oralizados ou orientam sua realização. Esses textos servem como recursos para a exemplificação, a ilustração, a explicação, dentre outras capacidades que são desenvolvidas com a produção de EO.

Cabe destacar que a exposição oral não pode ser confundida com seminário, pois esse é um evento constituído de um ou vários gêneros, inclusive a EO (VIEIRA, 2007), e também de debate, que pode ocorrer ou não após uma exposição oral.

As operações de retextualização

Como produto de retextualização, a exposição oral é constituída por algumas operações que revelam, de modo mais ou menos explícito, suas relações com o texto-base. Marcuschi (2001), ao discutir sobre a transformação de textos orais em escritos, apresenta algumas operações de retextualização, explicitadas a seguir:



O autor explica que os blocos (A) e (B) referem-se às operações e processos de natureza linguística-textual-discursiva e ao código, interferindo também no discurso. O bloco (C) refere-se às operações de citação, isto é, ao tratamento dos turnos na fala. O bloco (D), por sua vez, é constituído pelas operações cognitivas que ocorrem em conjunto com as demais operações. Para Marcuschi (2001), esse bloco é o menos trabalhado e exige um modelo específico, pois está relacionado à compreensão do texto-base, essencial no processo de retextualização.

Essas operações nos fornecem uma base importante para a análise do processo de retextualização e para verificarmos a existência de outras operações em EO acadêmicas. Dentre as operações apresentadas por Marcuschi (2001) identificamos as seguintes no *corpus* de nossa pesquisa:

- *eliminação* de conteúdo;

- *substituição* de conteúdo;
- *acréscimo* de conteúdo;
- *reordenação tópica*.

Além dessas operações, verificamos outras relativas a partes do texto-base e assim denominadas:

- *retomada* integral de ideias, na forma de citação ou de discurso indireto;
- *condensação* de ideias;
- *paráfrase*.

Verificamos ainda operações referentes ao que é dito anteriormente na própria EO, quais sejam:

- *reformulação* de conteúdo;
- *construção* de opinião;
- *inserção* de exemplo.

Apresentamos a seguir a análise das operações de retextualização de uma EO que, como dissemos anteriormente, é representativa do total de exposições que fazem parte da nossa pesquisa.

Do texto-base aos slides

A exposição analisada a seguir ocorreu em uma turma da graduação em Letras de uma universidade brasileira. O professor da disciplina escolheu alguns artigos sobre o tema discutido na disciplina – Gêneros Textuais – e pediu que os alunos se organizassem em grupos para apresentar, cada grupo, um artigo, podendo os grupos complementar sua exposição com outros textos. A EO analisada no presente trabalho foi a primeira dentre as exposições realizadas por um grupo composto por três estudantes que trataram, cada uma, sobre seções específicas do texto *Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino*, de Adair Bonini. Na exposição foram utilizados *slides* eletrônicos como recursos de apoio.

Neste primeiro momento identificamos as operações de retextualização do texto-base para o conteúdo dos *slides* eletrônicos. Isso nos permite, em um segundo momento, verificar os modos de utilização dos *slides* na EO e as operações de retextualização do texto-base para as exposições orais.

Na EO foram utilizados nove *slides*. Os quatro primeiros são explicitados a seguir e os demais contêm imagens que servem como exemplo para o conteúdo exposto.

OS GÊNEROS DO JORNAL:



Questões de pesquisa e ensino

Adair Bonini (UNISUL, 2005)

Figura 1: *Slide 1* da EO



Introdução

- Estudo dos gêneros jornalísticos
- Relevância social
- Pesquisa PROJOR (Projeto Gêneros do Jornal)
- Relação entre gêneros e suporte do jornal
- Porque estudar os gêneros do jornal?
- Quais gêneros estudar?

Figura 2: *Slide 2* da EO



O gênero

- Teoria de John M. Swales (1990, 1992, 1998)
- Gênero:
- "Classe de eventos comunicativos"
- Conjunto de ações retóricas (movimentos e passos) com um propósito comunicativo
- "Modo de proceder em um meio social específico"
- "O gênero é caracterizado pela comunidade, mas também a caracteriza"
- Comunidade discursiva
- Membros iniciantes x membros experientes

Figura 3: *Slide 3* da EO

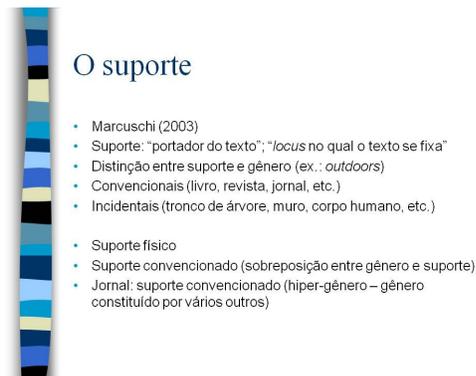


Figura 4: Slide 4 da EO

Os slides são constituídos por títulos, tópicos e subtópicos elaborados na forma de esquema e introduzidos por substantivos ou perguntas. Esses *slides* refletem os principais aspectos abordados nas seções do texto-base a que eles se referem, conforme verificamos na retextualização desse texto para o conteúdo dos *slides*.

Discutimos a seguir as operações ocorridas da retextualização do texto-base para os *slides*, recursos visuais de apoio à EO. Os fragmentos sublinhados no plano do texto e macroestrutura do texto-base são aqueles referenciados nos recursos visuais de apoio. Esses fragmentos indicam as partes dos *slides* a que cada um deles corresponde, partes essas destacadas nos quadros em pontilhado.

A aluna e participante da pesquisa introduz a apresentação do grupo. Sua exposição tem a duração de 2min. e 29s. e o controle da projeção dos *slides* fica sob a responsabilidade de outra colega do grupo. Conforme questionário respondido pelas integrantes do grupo, todas participaram da elaboração dos *slides* utilizados na apresentação.

O primeiro *slide* projetado (Figura 1) retoma o título, o autor, a editora e o ano de publicação do texto-base. Como podemos constatar a seguir, há um equívoco quanto à editora que publicou o livro onde se encontra esse texto, mas isso não interfere na exposição.

TEXTO-BASE – DADOS

Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino – Adair Bonini – Editora Kaygangue - 2005

“Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino - (Adair Bonini, UNISUL, 2005)” – *primeiro slide*

O primeiro *slide* utilizado na exposição contempla parte do conteúdo da introdução do texto-base. O conteúdo desse *slide* é elaborado a partir das operações de eliminação, substituição, condensação e retomada. Assim como ocorre com no texto-base, primeiramente é apresentado o tema, com visualizamos a seguir ao comparar o tópico 1.1. do texto-base com o conteúdo do *slide*, em pontilhado:

TEXTOS-BASE – A

A) Introdução³

“Introdução” (*título*)

1. APRESENTAÇÃO DO TEMA

1.1. O estudo dos gêneros jornalísticos é socialmente relevante.

“Estudo dos gêneros jornalísticos” (*tópico 1 do primeiro bloco*)

“Relevância social” (*tópico 2 do primeiro bloco*)

1.2. As pesquisas com os gêneros jornalísticos contribuem para a formação e a atuação social, e também para a educação e formação do cidadão crítico.

2. APRESENTAÇÃO DO ARTIGO

2.1. O artigo resulta de pesquisas sobre os gêneros do jornal, no Projeto Gêneros do Jornal (PROJOR).

“Pesquisa PROJOR (Projeto Gêneros do Jornal)” – *tópico 3 do primeiro bloco*

3. QUESTÕES DISCUTIDAS NO ARTIGO

3.1. Duas questões são consideradas. Uma delas é que há uma relação problemática entre os gêneros e o suporte jornal.

“Relação entre gêneros e suporte do jornal” (*tópico 1 do segundo bloco*)

3.2. A outra questão diz respeito à pesquisa e ensino dos gêneros. Por que estudar os gêneros do jornal? Quais gêneros estudar?

“Por que estudar os gêneros do jornal?” (*tópico 2 do segundo bloco*)

“Quais gêneros estudar?” (*tópico 3 do segundo bloco*)

4. APRESENTAÇÃO DO PLANO DO ARTIGO

4.1. Na primeira seção é apresentada a fundamentação teórica para a noção de gênero e suporte.

4.2. Em seguida, são demonstrados resultados das pesquisas do PROJOR.

4.3. Na terceira seção discute-se o imbricamento entre gênero e suporte.

4.4. Na última seção considera-se as razões teóricas e de ensino envolvidas no estudo dos gêneros do jornal.

Em primeiro lugar, é retomado o sintagma “O estudo dos gêneros jornalísticos” e, em seguida, a expressão que sucede esse sintagma é substituída por outra de sentido equivalente - “socialmente relevante”. Assim como ocorre no texto-base, é apresentado no *slide* o

³ As seções indicadas por letras são nomeadas conforme as seções do próprio artigo.

fundamento do artigo – “Pesquisa PROJOR (Projeto Gêneros do Jornal)”. Emprega-se, nesse momento, a operação de condensação e, em consequência, de eliminação. A seleção desses conteúdos que são retextualizados, o tema e o fundamento do texto-base são importantes por explicitar pontos essenciais desse texto.

Outro tópico importante do texto-base presente no *slide* é a “Relação entre gêneros e suporte do jornal”, construída a partir da eliminação do termo “problemática”. Essa eliminação altera o sentido do que é dito do texto-base, pois não se explicita o tipo de relação que, como diz o texto-base, é problemática.

No mesmo *slide* – “Introdução” – são retomadas duas questões centrais do texto-base, quais sejam: “Por que estudar os gêneros do jornal?” e “Quais gêneros estudar”. Verifica-se, portanto, a compreensão de ideias-chave apresentadas na introdução do artigo retextualizado.

No que diz respeito ao referencial teórico do texto-base, alguns pontos importantes desse texto são contemplados. O título do segundo *slide* utilizado na exposição é “O gênero”. Esse título se refere a um dos assuntos centrais discutidos no referencial teórico do artigo. Em seguida, o primeiro tópico desse *slide* é construído a partir da retomada da teoria que introduz o tópico – “Teoria de John Swales”. Outra retomada é a definição de gênero conforme o autor, no segundo tópico do *slide* “O gênero” e, depois, há uma paráfrase que reúne os subtópicos 5.2.1., 5.2.2 e 5.3, como vemos:

TEXTO-BASE – B

B) Referencial teórico

“O gênero” (*título*)

5. TEORIA DE JOHN M. SWALES (1990, 1992, 1998)

“Teoria de John M. Swales” (1990, 1992, 1998) – *tópico 1*

5.1. Para Swales (1990) gênero é uma classe de eventos comunicativos.

“Gênero: classe de eventos comunicativos” – *tópico 2*

5.2. Swales apresenta um modelo de 'introduções de artigos de pesquisa'. As noções-chave desse modelo são:

5.2.1. Movimento: "ação retórica realizada no texto".

5.2.2. Passo: "sub-ação que concretiza o movimento".

5.3. As ações retóricas decorrem de propósitos comunicativos socialmente constituídos.

“Conjunto de ações retóricas (movimentos e passos) com um propósito comunicativo” - *tópico 3*

5.4. O gênero é "um modo de proceder em um meio social específico", a comunidade discursiva, que caracteriza o gênero e é caracterizada por ele.

“Modo de proceder em um meio social específico” - *tópico 4*

“O gênero é caracterizado pela comunidade, mas também a caracteriza”

- tópico 5

5.5. Dependendo da comunidade, o gênero pode ser um elemento de manutenção ou inovação das práticas discursivas da comunidade.

5.6. As comunidades têm uma estrutura hierárquica que é constituída por membros iniciantes e membros experientes.

Quadro 1: Modelo de introdução de artigos científicos em inglês.

Comunidade discursiva - tópico 5

Membros iniciantes x membros experientes - tópico 6

5.7. A exposição sobre o trabalho de Swales é sintética e não faz jus à riqueza do seu trabalho, mas útil para os propósitos deste artigo.

Nesse caso, a paráfrase demonstra compreensão do texto-base. O mesmo ocorre no tópico 4 do *slide* “O gênero”, em que se observa a operação de retomada; e no tópico seguinte, construído a partir da paráfrase. Já nos tópicos 6 e 7 ocorre a eliminação de que as comunidades discursivas têm uma “estrutura hierárquica”, mas, se essa informação for recuperada na exposição oral, não há problemas para a qualidade da mesma.

Além do gênero, outro assunto central discutido no texto-base é o suporte. Nas exposições aqui analisadas, há um *slide* cujo título é “O suporte”, o qual se refere à seção 6 do artigo retextualizado. Verifica-se novamente compreensão do texto-base nos tópicos explicitados no referido *slide*. O autor do texto-base apresenta a discussão sobre o assunto a partir dos pressupostos de outro autor, “Marcuschi”. Do mesmo modo, nos *slides* há referência a este autor e a sua definição de “suporte”. Os tópicos 1 e 2 destacados a seguir são construídos a partir da retomada de trechos de uma citação, como podemos constatar em:

6. NOÇÃO DE SUPORTE

“O suporte” (título)

6.1. A noção de suporte é importante para o estudo do gênero mas "pouco considerada no debate acadêmico".

6.2. Essa noção se enriquecerá com reflexões nas pesquisas sobre gênero textual.

6.3. Segundo Marcuschi (2003): "o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele. Mas ainda está por ser analisada a natureza e o alcance dessa interferência".

6.4. Definição de suporte segundo Marcuschi (2003).

6.4.1. Citação: o suporte é um portador do texto, o lugar onde o texto se fixa e que repercute sobre o gênero nele fixado.

Marcuschi (2003) – tópico 1

Suporte: “portador do texto”; “locus no qual o texto se fixa” - tópico 2

6.5. O suporte é onde o gênero se fixa e coloca o gênero em circulação.

6.6. Marcuschi discute a relação entre gênero e suporte.

6.6.1 *Citação: importância de diferenciar gênero de suporte, o que nem sempre ocorre com precisão. Ex: outdoor, que não é um gênero, mas um suporte público para vários gêneros.*

Distinção entre suporte e gênero (ex.: outdoors) – tópico 3

7. AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE MARCUSCHI

7.1. Marcuschi se preocupa em relacionar gênero e suporte, mas caracteriza-os como elementos bastante independentes.

7.2. Marcuschi classifica os suportes em 'convencionais' (elaborados para portarem ou fixarem textos) e 'incidentais' (ocasionais ou eventuais, podendo ser ilimitadamente realizados na relação com os textos escritos).

Convencionais (livro, revista, jornal, etc.) – tópico 4

Incidentais (tronco de árvore, muro, corpo humano, etc.) – tópico 5

7.2.1. Marcuschi não aprofunda a relação entre gênero e suporte.

8. PERSPECTIVA PRÓPRIA (do autor do texto-base)

8.1. Busca-se caracterizar o que é um 'portador' de texto e o nível da interferência do suporte no gênero e do gênero no suporte.

8.2. "Será que a nuvem de fumaça como base de mensagens deixadas no ar por um avião e o jornal suportam gêneros do mesmo modo?"

8.2.1. A nuvem e o jornal são suportes diferentes.

8.3. O suporte pode ser físico (distinção clara) ou convencionado (sobreposição entre gênero e suporte). Um gênero pode ser suporte de outro gênero.

Suporte físico – tópico 6

Suporte convencionado (sobreposição entre gênero e suporte) – tópico 7

8.3.1. O jornal é um suporte convencionado, um hipergênero constituído por outros gêneros.

Jornal: suporte convencionado (hiper-gênero – gênero constituído por vários outros) – tópico 8

8.4. O álbum é um suporte físico e o jornal é um suporte convencionado.

Exemplos: convite, anúncio/propaganda, campanha, livros, jornais, árvore, corpo humano, muro, ar, edifício. – slides seguintes

O tópico 3 – “Distinção entre suporte e gênero” – é uma condensação do tópico 6.6.1. Nos tópicos seguintes, 7 e 8, há retomada de ‘convencionais’ e ‘incidentais’ e a inserção de exemplos referentes a cada um dos elementos retomados, o que demonstra interferência positiva sobre o conteúdo do texto-base e compreensão. A retomada ocorre também em “Suporte físico” e em “Suporte convencionado (sobreposição entre gênero e suporte)”, bem como no último tópico “Jornal: suporte convencionado (hiper-gênero – gênero constituído por vários outros)”. Os *slides* seguintes são exemplos, apresentados em imagens e elaborados a partir da operação de inserção, o que revela interferência positiva no texto-base.

As operações presentes nos *slides* utilizados na EO analisada revelam compreensão dos principais conceitos das seções do texto-base contempladas nessa exposição. Mas é

preciso verificar os modos de utilização desse *slide* e a compreensão do texto-base na própria exposição oral.

Do texto-base aos *slides* e à exposição oral

Nesta seção, verificamos os modos de utilização dos *slides* na EO e, em seguida, as operações de retextualização do texto-base para as exposições orais. As unidades temáticas do texto-base retomam a macroestrutura e plano textual do mesmo; o conteúdo dos *slides* eletrônicos é destacado nas tabelas em pontilhado; nas retextualizações explicitamos a transcrição da EO analisada. Comparamos as relações semânticas entre o conteúdo retextualizado do texto-base com as relações semânticas estabelecidas na exposição.

UNIDADE TEMÁTICA 1 DO TEXTO-BASE

Título: (1a) “Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino”
[TÓPICO]

“Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino –
(Adair Bonini, UNISUL, 2005)” – *primeiro slide*

RETEXTUALIZAÇÃO 1

((olha para os interlocutores)) bom...bom...bom dia gente...é...meu nome é D... essa é a V... e essa é a S...((apontando para as colegas do grupo)) e a gente vai apresentar o texto do Adair Bonini..
[INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO GRUPO

((lê o *slide* “Os gêneros do jornal”)) (1b) **que chama os gêneros do jornal... questões de pesquisa e de ensino...** tá dando para todo mundo ver (não tá dando)? [APRESENTAÇÃO DO TEMA]

((faz sinal para que a colega mude de *slide*)) ((olha para o *slide* “Introdução” e, em seguida, para os interlocutores)) bom...então primeiro (...)

Na retextualização 1 a expositora apresenta os componentes do grupo de alunas que irão expor o texto-base. Ela também situa os interlocutores sobre o texto que será tratado. O título do texto-base é retextualizado na forma de retomada, com a função de contextualizar a exposição, situando assim os interlocutores.

É interessante perceber o movimento da expositora em olhar para os interlocutores e depois lê o *slide*, o que indica interação com o público e uso desse recurso como apoio para a apresentação.

UNIDADE TEMÁTICA 2 DO TEXTO-BASE

7. AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE MARCUSCHI [TÓPICO]

7.1. Marcuschi se preocupa em relacionar gênero e suporte, mas caracteriza-os como elementos bastante independentes. [SUBTÓPICO 1]

7.2. **(1a) Marcuschi classifica os suportes em 'convencionais' (2a) (elaborados para portarem ou fixarem textos) (1a) e 'incidentais' (ocasionais ou eventuais, podendo ser ilimitadamente realizados na relação com os textos escritos).** [SUBTÓPICO 2]

Convencionais (livro, revista, jornal, etc.) – tópico 4

Incidentais (tronco de árvore, muro, corpo humano, etc.) – tópico 5

7.2.1. Marcuschi não aprofunda a relação entre gênero e suporte. [CRÍTICA]

RETEXTUALIZAÇÃO 2

((alterna o olhar entre o *slide* “O suporte” e os interlocutores)) depois ele ((o autor do texto)) **(1b) faz uma distinção entre gêneros** ((leia-se “suportes”)) **(1b) convencionais ... e incidentais...** [TÓPICO]

((olha para os interlocutores)) **(2b) os convencionais seriam aqueles que foram... criados especificamente para aquilo...** como a folha de papel...é:: a folha de jornal... [SUBTÓPICO 1]

((alterna o olhar entre os *slides* e os interlocutores)) e os incidentais seriam... o tronco de árvore... o muro... o corpo humano... [SUBTÓPICO 2]

A expositora trata sobre os tópicos 4 e 5 do *slide* “O suporte”. Os comentários na transcrição confirmam o uso dos *slides* como recursos para a exposição oral, uma vez que a expositora alterna o olhar entre esses recursos e os interlocutores, posicionando-se como especialista que comunica algo a um auditório.

O subtópico 2 da unidade temática do texto-base é transformado em tópico na retextualização 2, mas isso não causa problemas para a exposição oral, pois esse subtópico, embora se configure como tal, parece constituir a ideia mais importante de uma parte do texto-base.

Entre os trechos 1a e 1b, destacados na unidade temática e na retextualização, respectivamente, ocorre a operação de substituição a fim de expor o conteúdo. A primeira substituição que ocorre é “Marcuschi” por “ele” (se referindo ao autor do texto-base), o que altera significativamente o sentido da ideia expressa, pois se atribui a responsabilidade enunciativa ao autor do texto-base. Essa ideia, na verdade, se refere a um autor externo, mencionado no texto-base para introduzir um conteúdo. A segunda substituição ocorrida é “classifica por “faz uma distinção”. Embora essas duas expressões não sejam, em geral,

semanticamente equivalentes, nessa retextualização é aceitável que uma delas seja utilizada em substituição a outra.

Porém, a substituição de “suportes” por “gêneros” ocasiona problemas para a exposição oral, uma vez que esses são elementos, inclusive, diferenciados no texto-base. Já “convencionais e incidentais” é mantido tal como no texto-base. Percebemos problemas de compreensão do texto-base que interferem na exposição oral, uma vez que o conteúdo retextualizado não corresponde ao que é dito por este texto.

Por outro lado, entre os fragmentos 2a e 2b ocorre a paráfrase que demonstra compreensão do conceito de “suportes convencionais”. Além disso, a expositora revela uma posição ativa frente à leitura do texto-base e da exposição oral através da inserção do subtópico 2, que exemplifica os “suportes incidentais”. Ambas as operações possuem a função de explicitar o conteúdo do texto-base.

Na retextualização 3, outras operações são verificadas.

UNIDADE TEMÁTICA 3 DO TEXTO-BASE

8. PERSPECTIVA PRÓPRIA (do autor do texto-base) [TÓPICO]

8.1. Busca-se caracterizar o que é um 'portador' de texto e o nível da interferência do suporte no gênero e do gênero no suporte. [SUBTÓPICO 1]

8.2. "Será que a nuvem de fumaça como base de mensagens deixadas no ar por um avião e o jornal suportam gêneros do mesmo modo?" [SUBTÓPICO 2]

8.2.1. A nuvem e o jornal são suportes diferentes. [RESPOSTA]

8.3. (1a) **O suporte pode ser físico (distinção clara) ou convencionado (sobreposição entre gênero e suporte.** Um gênero pode ser suporte de outro gênero. [SUBTÓPICO 3]

Suporte físico – tópico 6

Suporte convencionado (sobreposição entre gênero e suporte) – tópico 7

8

8.3.1. **(2a) O jornal é um suporte convencionado, um hipergênero constituído por outros gêneros.** [EXEMPLO PARA O SUBTÓPICO 3]

Jornal: suporte convencionado (hiper-gênero – gênero constituído por vários outros) – tópico 8

8.4. O álbum é um suporte físico e o jornal é um suporte convencionado. [SUBTÓPICO 4]

RETEXTUALIZAÇÃO 3

((olha para o slide)) (2a) **depois ele faz uma distinção entre suporte FÍSICO... e convencionado...** [TÓPICO]

((olha para os interlocutores)) o físico seria:: a coisa material... tipo:: o papel também serve... [SUBTÓPICO 1]

((olha rapidamente para o *slide* e depois para os interlocutores)) **(2b) e o convencionalizado seria tipo... o jornal...** uma coisa que tem aquela estrutura... que tem aquele tamanho... dobrado daquele jeito... foi decidido que aquilo é um suporte chamado jornal...

((alterna o olhar entre o *slide* e os interlocutores)) **(2b) e:: completa falando que o JORNAL... além de ser suporte convencionalizado... ele considera como um... hipergênero... porque ele reúne vários gêneros dentro de um/ de um gênero só que seria o jornal... pode (passar) ((dirigindo-se à colega que projeta os slides))...**

[SUBTÓPICO 2]

Na retextualização 3 são retomados apenas o subtópico 3 da unidade temática 3 do texto-base. Considerando que o tópico e os subtópicos anteriores consistem em ideias que ancoram esse subtópicos 3, não há problemas em eles serem os dois únicos retomados nesse momentos da exposição.

Ocorre entre os fragmentos 1a e 1b a condensação e, ao mesmo tempo, a eliminação das explicações entre parênteses – “(distinção clara)” e “(sobreposição entre gênero e suporte)”. De qualquer modo, o conteúdo principal é mantido. Essas operações servem para expor o conteúdo do texto-base. Podemos observar a preocupação da expositora em tornar mais claro para os interlocutores o conteúdo através da explicação “o físico seria:: a coisa material... tipo:: o papel também serve”, elaborada a partir do acréscimo de conteúdo. Já entre os trechos destacados em 2a e 2b há a paráfrase, com a função de explicar o conteúdo do texto-base.

Após a apresentação de conceitos-chave, com base nos *slides* projetados, a expositora apresenta exemplos sobre o conteúdo. Esses exemplos são elaborados a partir do texto-base ou a partir da própria compreensão da expositora.

UNIDADE TEMÁTICA 4 DO TEXTO-BASE

6.6. Marcuschi discute a relação entre gênero e suporte. [TÓPICO]

6.6.1 *Citação*: importância de diferenciar gênero de suporte, o que nem sempre ocorre com precisão. **(1a) Ex: outdoor, que não é um gênero, mas um suporte público para vários gêneros. [TESE]**

Distinção entre suporte e gênero (ex.: *outdoors*) – tópico 3

RETEXTUALIZAÇÃO 4

((olha e aponta para o *slide* “Exemplo *outdoor*”) aí eu coloquei alguns exemplos... no caso do outdoor... ((olha para os interlocutores)) **(1b) vo/ você não pode falar que o OUTDOOR é um gênero... porque ele engloba... vários gêneros... [TESE]**

Na unidade temática 3 o ponto “3” funciona como tópico e “3.1.” com subtópico. A relação de tese se mantém entre os fragmentos 1a e 1b. A retextualização, nesse caso, se dá pela paráfrase, que reafirma a ideia do texto-base, uma vez que a expositora utiliza o pronome com valor genérico “você” e faz uma afirmação categórica, marcada pela modalização deôntica “não pode”. Desse modo, ocorre adesão da expositora ao conteúdo do texto-base.

Os exemplos seguintes são construídos a partir da inserção que ilustra o conteúdo do texto-base. Esses exemplos são demonstrados em imagens presentes nos *slides*. Vale destacar, na exposição desses exemplos, o movimento da expositora em olhar e apontar para os *slides*, o que indica que eles são utilizados como apoio para a exposição, como constatamos na retextualização 5:

RETEXTUALIZAÇÃO 5

((olha e aponta para o *slide*)) no caso aqui é um convite... para um festival de teatro... ((aponta para a pesquisadora)) a/a X (pesquisadora) já tinha mostrado esse aqui...pode passar...

((olha e aponta para o *slide* “Exemplo anúncio de sapatos”)) no caso aqui é um anúncio...de sapatos...uma propaganda...

((olha rapidamente para a colega que projeta os *slides*. A colega projeta o *slide* “Exemplo campanha”))

((olha e aponta para o *slide*)) e aqui uma campanha...é:: do pessoal vegetariano...((fala para a colega que projeta o *slide*, olhando para o *slide*)) pode ir...

A unidade temática 4 do texto-base é novamente utilizada para explicar um ponto que não é explicado na retextualização 6: o de que o *outdoor* é um “suporte”, e não um “gênero”. Ocorre, novamente, a paráfrase para expor o conteúdo.

UNIDADE TEMÁTICA 4 DO TEXTO-BASE

6.6. Marcuschi discute a relação entre gênero e suporte. [TÓPICO]

6.6.1 *Citação*: importância de diferenciar gênero de suporte, o que nem sempre ocorre com precisão. (1a) Ex: **outdoor, que não é um gênero, mas um suporte público para vários gêneros.** [TESE]

Distinção entre suporte e gênero (ex.: *outdoors*) – tópico 3

RETEXTUALIZAÇÃO 6

((olha para os interlocutores, gesticulando as mãos)) ou seja são vários gêneros em um/ em um único suporte... não pode falar... (1b) **ele** ((o autor do texto-base)) **não concorda que você pode falar que outdoor É um gênero... seria mais um suporte...** ((nesse momento a tela de projeção fica em branco)) [TESE]

Há nessa paráfrase a atribuição da responsabilidade enunciativa ao autor do texto-base, entretanto, a ideia apresentada se refere a “Marcuschi”, cujo trabalho é mencionado nesse texto. Revela-se, portanto, um problema de compreensão do texto-base.

Após apresentar o conteúdo do texto-base, a expositora relaciona o conteúdo com imagens que servem como exemplos. Construídos a partir da inserção, os exemplos ilustram o conteúdo do texto-base e são expostos em *slides*. Interessante perceber, na exposição desses exemplos, o movimento da expositora em olhar e apontar para os *slides*, o que indica que eles são utilizados como apoio para a exposição. É importante destacar o uso dos exemplos como recurso para o enriquecimento desta exposição oral, como meio de, na condição de *actante*, a quem é atribuída a ação e a responsabilidade, agir como *ator* sobre o texto-base, nos termos de Bronckart (2006).

Assim como na retextualização 6, a exposição de exemplos na retextualização 7 se dá pela inserção, a qual ilustra o conteúdo do texto-base.

RETEXTUALIZAÇÃO 7

((olha para a tela em branco)) pode (passar)... ((dirigindo-se à colega que projeta os *slides*))
 ((olha e aponta para o slide “Exemplo livros, jornal, etc. “)) no caso... a gente tem agora os suportes... convencionais...que seriam os livros... e o jornal... e os incidentais que seriam
 ((alterna o olhar entre o *slide* e os interlocutores)) a/ a árvore...é:: o corpo humano para fazer uma tatuagem... um muro pra fazer uma pichação...
 ((olha rapidamente para o lado da colega que projeta os *slides*. A colega projeta o *slide* “Exemplo ar, jornal, etc.”))

Já a retextualização 8 é elaborada a partir de um exemplo do texto-base.

UNIDADE TEMÁTICA 5 DO TEXTO-BASE

8.2. (1a) "Será que a nuvem de fumaça como base de mensagens deixadas no ar por um avião e o jornal suportam gêneros do mesmo modo?" [PERGUNTA-TÓPICO]

8.2.1. (1a) A nuvem e o jornal são suportes diferentes. [RESPOSTA]

8.3. O suporte pode ser físico (distinção clara) ou convencional (sobreposição entre gênero e suporte. Um gênero pode ser suporte de outro gênero. [TESE])

8.3.1. (2a) O jornal é um suporte convencional, um hipergênero constituído por outros gêneros. [EXEMPLO]

RETEXTUALIZAÇÃO 6

((alterna o olhar entre o *slide* e os interlocutores, apontando para o *slide*)) **(1b) aqui a gente tem uma espécie de:: suporte físico... que seria... O AR... aí você faz uma mensagem com o avião... aí você tem um suporte físico... (2b) o suporte convencional que seria o jornal...** igual eu falei... naquele formato... naquele tamanho... convencionou-se (o) que se chama jornal...e ali eu achei curioso colocar que... a gente vê palavras cruzadas em jornal e papel... e nunca viu em um/em um edifício... seria um... suporte incidental...
[EXEMPLOS]

A partir da sua interpretação sobre as informações expostas nessa parte da unidade temática 5 do texto-base, a expositora desenvolve exemplos. O exemplo destacado em 1a é elaborado a partir da paráfrase e o que está destacado em vermelho consiste em uma retomada. Em seguida, temos a inserção, que demonstra, mais uma vez, a intervenção da expositora, dessa vez marcada pelo uso repetido do “eu”.

Após a exposição dos exemplos, a expositora verifica se há algo a mais a ser apresentado e, atendendo a uma das características da exposição oral, anuncia a exposição da próxima participante.

RETEXTUALIZAÇÃO 7

((olha para a tela em branco)) pode (passar)... ((dirigindo-se à colega que projeta os *slides*))
((olha e aponta para o slide “Exemplo livros, jornal, etc. “)) no caso... a gente tem agora os suportes... convencionais...que seriam os livros... e o jornal... e os incidentais que seriam
((alterna o olhar entre o *slide* e os interlocutores)) a/ a árvore...é:: o corpo humano para fazer uma tatuagem... um muro pra fazer uma pichação...
((olha rapidamente para o lado da colega que projeta os *slides*. A colega projeta o *slide* “Exemplo ar, jornal, etc.”))

Além da substituição, da paráfrase e da inserção de exemplos, ocorrem nessa EO a retomada, a condensação, a eliminação e o acréscimo de conteúdo. A expositora apropria-se do papel de especialista do texto-base apresentado, pois comunica o conteúdo deste texto aos seus interlocutores e emprega exemplos para ilustrar o que é comunicado.

As operações utilizadas indicam a compreensão parcial do texto-base. Apesar de alguns problemas explicitados anteriormente, em sua maioria as operações de retextualização apontam que a expositora compreendeu globalmente o texto, o que favoreceu a produção de uma EO de qualidade, considerando-se a proposta que motivou sua realização.

Considerações finais

A análise das EO que constituem o *corpus* da nossa pesquisa revelam que qualidade das exposições orais funcionam em conjunto com a compreensão global do texto-base e com o uso dos textos selecionados como apoio (no caso, os *slides* eletrônicos). São fortes os indícios de que essa compreensão e esse uso influenciam a qualidade da EO. Ao elaborarem este gênero, os estudantes podem apenas relatar sua leitura, como podem também acrescentar críticas que impulsionem o debate em sala de aula.

O estudo realizado aponta, ainda, para a necessidade de investimento na capacitação dos graduandos para que eles produzam exposições orais eficazmente e de focalização dos papéis desses estudantes como participantes da esfera acadêmica, considerando a relevância destes papéis. Não se pode perder de vista que a EO é um instrumento significativo para a atuação dos estudantes na esfera acadêmica. Não só no Ensino Superior, como no desempenho de diversas profissões, esses estudantes necessitam realizar apresentações orais, como lembram Dolz et al. (2004).

Portanto, a EO merece atenção na universidade, no sentido de ser uma atividade guiada por objetivos previamente definidos e reflexões sobre sua produção. Não se pode desconsiderar que este gênero é uma oportunidade de os estudantes participarem da construção do conhecimento acadêmico-científico e desenvolverem capacidades referentes à produção oral, tão importante quanto a produção escrita.

Operations of (re)textualization in academic oral exposition genre

Abstract: *In this paper we discuss the operations of (re)textualization of written texts to electronic slides that are used to guide the oral expositions as well as the operations of (re)textualization of written texts to academic oral expositions produced by undergraduate students. Our aim is to analyze the connections between the comprehension of written texts and the quality of the oral expositions. The theories of Marcuschi (2001) and Dolz et al. (2004) support the analysis. The results demonstrate the importance of the comprehension and the value of the slides for effective production of academic oral expositions.*

Keywords: *(Re)textualization – Oral exposition – Comprehension*

Referências

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, Acir Mario *et al.* **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005, p.61-77.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. MACHADO, Ana Rachel; MATENCIO, Maria de Lourdes Meireles. (Orgs.). Campinas: Mercado de Letras, 2006.

DELL'ISOLA, Regina L. Péret. **Retextualização de textos escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; DE PIETRO, Jean-François de e ZAHND, Gabrielle. A exposição oral. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e Organização de Roxane Rojo & Glaís de Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p.215-246.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

VIEIRA, Ana Regina Ferraz. **Seminários Escolares: gêneros, interações e letramentos**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.